



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

### MEU TEMPLO É A COZINHA

**Marcos Roberto Inhauser**

Meu altar é o fogão.

Minha ceia é o arroz e feijão, salada e mistura.

A mesa é a celebração da comunhão.

Os vapores das panelas são o incenso das minhas orações.

O cheiro é a antecipação do paraíso.

A reunião é a adoração.

O barulho dos comensais é o canto de louvor.

Não falo em metáforas, mas na concretude dos fatos de entender que cada refeição é uma Eucaristia. Cada vez que entro na cozinha eu o faço com reverência. Gosto de cozinhar e entendo que fazê-lo é um ato de amor ao próximo. Cozinho não para mim, mas para os meus familiares, os meus amigos. Esmero-me.

Cortar uma cebola ou um tomate é um ato de celebrar ao Criador ao ver as texturas, a disposição das sementes, o cheiro, o gosto. Colher a salsa e a cebolinha é um ato de usufruir do criado e o prazer do sabor na comida. Mesmo folhas minúsculas, moídas, picadas, esmagadas, trazem tempero e a delícia da criação ao prato preparado. Temperar uma carne, um peixe, um frango é um ato de adoração ao Criador que nos deu a comida e a sabedoria em prepará-las. Que mundo mais sem graça seria se tudo viesse pronto, como fast food divino. Ele deixou a nós a liberdade para temperar, acrescentar sabores, mudar formas, variar arranjos.

A cozinha requer uma estola sacerdotal. O avental é a estola do sacerdote cozinheiro. E cozinheiro que se preze tem seus instrumentos próprios: tem suas facas, sua chaira, sua pedra de afiar, a colher de mexer. Não é qualquer faca, nem qualquer colher. Há hora certa de entrar em cena. Dependendo do que se vai cortar ou mexer, lá vai o instrumento certo. Há uma liturgia no ato de cozinhar.

Cada vez que preparo uma comida posso dizer com toda propriedade e sem nenhuma blasfêmia que “isto é meu corpo dado por vós”, “isto é meu sangue dado por vós”. Quem nunca saiu de uma cozinha exausto e moído de canseira? Quem nunca cortou o dedo preparando a comida? Mais que isto, posso dizer que é meu corpo e meu sangue porque o alimento ali apresentado teve horas de trabalho, de vida consumida para trazê-lo e colocá-lo à mesa. E cada vez que apresento o alimento na mesa da comunhão, propicio o milagre da ressurreição: corpos famintos, esmaecidos pela canseira, tem seu vigor renovado, sua vida ressuscitada.

Sentar-se à mesa tem um quê de sacramental. As inimizades não resistem a uma comida fraternal, a unidade é fortalecida pelo fato de compartilhar da comida. A solidariedade é enriquecida por ter que desfrutar da comida pensando que o outro também deve comer. Há o milagre da multiplicação: quantas vezes você serviu uma janta ou almoço e achou que a comida era pouca? E quantas vezes, apesar disto, sobrou um pouco no fundo da panela?

Cada vez que juntos comemos, esperamos a oportunidade de um novo comer, uma nova reunião, uma nova Eucaristia. Cada almoço e jantar deve ser uma Eucaristia celebrada na intimidade do lar, no convívio dos queridos e no convite dos que queremos nos reconciliar.